

A especificidade do sujeito pronominal na fala urbana itabiense

(The specificity of pronominal subject in itabiense urban speech)

Maria Zelma Meneses de Santana MATOS¹

¹Doutoranda em Lingüística e Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências e Letras -
Universidade Estadual Paulista (UNESP-Araraquara)
Rodovia Araraquara-Jaú, km 1 - 14.800-901, Araraquara-SP-Brasil

zelmatos@yahoo.com.br

Abstract: This paper examines the role of specificity in the variable realization of pronominal subject in a *corpus* of spoken language in the Brazilian town of Itabi, state of Sergipe. Grounded on the Theory of the Linguistic Variation and Change (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968; LABOV, 1966; 1972 e 1982), we analyze the pronominal subject referents to verify not only whether the reference is specific (defined or undefined) or generic, but also whether or not the type of specificity is responsible for the presence, or absence, of lexicalized forms. Specificity has always been studied in pronominal subject research, proving to be central to understanding the linguistic changes, which justifies the objective of this paper. Moreover, we propose a more refined analysis of the specificity variable.

KEYWORDS: *pronominal subject; specificity; spoken language.*

Resumo: Este estudo analisa o papel da especificidade na realização variável do sujeito pronominal em um *corpus* de língua falada da cidade de Itabi-SE. São analisados os referentes do sujeito pronominal, considerando não só se a referência é específica (definida ou indefinida) ou genérica, mas, também, se o tipo de especificidade influencia na ausência ou presença de formas lexicalizadas. Esta descrição está fundamentada na Teoria da Variação e Mudança Lingüísticas (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968; LABOV, 1966; 1972 e 1982). A especificidade tem sido sempre incluída em estudos sobre o sujeito pronominal, revelando-se pertinente para a compreensão da variação, o que justifica avaliar essa propriedade nos dados de Itabi-SE. Além disso, o presente estudo propõe uma análise mais refinada da variável especificidade.

PALAVRAS-CHAVE: *sujeito pronominal; especificidade; língua falada.*

1 Introdução

Este estudo analisa o papel da especificidade na realização variável do sujeito pronominal em um *corpus* de língua falada da cidade de Itabi-SE. São analisados os referentes do sujeito pronominal, considerando não só se a referência é específica (definida ou indefinida) ou genérica, mas, também, se o tipo de especificidade influencia na ausência ou presença de formas lexicalizadas. Essa variável tem sido sempre incluída em estudos sobre o sujeito pronominal, revelando-se pertinente para a compreensão da variação, o que justifica avaliar essa propriedade nos dados de Itabi-SE. Além disso, o presente estudo propõe uma análise mais refinada da variável especificidade. Esta descrição está fundamentada na **Teoria da Variação e Mudança lingüísticas** (LABOV, 1966; 1972 e 1982; WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968). Além desta teoria, este estudo se apóia, também, nas postulações teóricas de Quirk, Greenbaum *et al* (1985), sobre a Referência; em alguns pressupostos teóricos de Halliday & Hassan (1976), como, também, de Neves (2007).

Neves (2007), ao fazer menção a Dik (1997), ressalta que a primeira noção de referência é a de *construção de referentes*. O falante, em uma interação lingüística, ou constrói ou ajuda o ouvinte a encontrar um referente para colocá-lo em uma predicação, e, assim, outras representações mentais se acrescem de modo a serem recuperáveis pelos subseqüentes elementos anafóricos. Assim, no modo construtivo, o falante usa um termo para que o ouvinte construa um referente para esse termo e introduza esse referente em seu modelo mental. Os objetos de discurso, instituídos pelo falante, vão montar, no texto, a rede referencial que constitui uma das marcas da textualidade, levando a uma segunda noção de referência, que é a de *identificação de referentes*. Desta maneira, no modo identificador, o falante usa um termo para que o ouvinte identifique um referente que já, de algum modo, esteja disponível, o que ocorre quando há uma fonte para a identificação.

Quirk, Greenbaum *et al* (1985) classificam a referência em Específica e Genérica, e, subdividem a Específica em Definida e Indefinida.

Referência Específica [Definida]

Para Quirk, Greenbaum *et al* (1985), a referência é considerada específica [definida] quando o referente pode ser identificado no contexto ou no conhecimento compartilhado do falante/escritor e ouvinte/leitor.

- (1) ¹A lion and *two tigers* are sleeping in the cage. (Exemplo dos autores)

Em (1), o termo destacado possui referência específica, pelo fato de se ter em mente espécies particulares da classe ‘tigre’.

Referência Específica [Indefinida]

A referência é considerada específica [indefinida] quando o referente não é identificável no conhecimento compartilhado do falante/escritor e ouvinte/leitor. No contexto, o referente não foi mencionado antes, assim, é considerado como não familiar ao falante/escritor ou ao ouvinte/leitor, como ilustra (2).

- (2) ²*An intruder* has stolen a vase. *The intruder* stole the vase from a locked case. *The case* was smashed open. (Exemplo dos autores)

No exemplo acima, o artigo indefinido, em contraste com o artigo definido, não faz nenhuma suposição sobre uma menção anterior. Mas no uso real a distinção pode ser menos evidente. Por exemplo, uma conversa pode começar como (3) ou como (3a):

- (3) ³*A house* on the corner is for sale.

- (3a) ⁴*The house* on the corner is for sale. (Exemplos dos autores)

A única diferença de significado é que, em (3a), o falante pressupõe que o ouvinte saberá de que casa está se referindo (talvez porque exista somente a tal casa),

¹ Um leão e dois tigres estão dormindo na jaula. (Tradução minha)

² Um intruso roubou um vaso. O intruso roubou o vaso de um armário de louças fechado. O armário foi aberto à força. (Tradução minha)

³ Uma casa da esquina está à venda. (Tradução minha)

⁴ A casa da esquina está à venda. (Tradução minha)

entretanto, em (3), nenhuma suposição é implicada. Sendo assim, em (3), a referência dos termos em itálico é específica [indefinida], e, em (3a), específica [definida].

Referência Genérica

A referência genérica é usada para denotar a classe ou espécie de um modo geral.

(4) ⁵*Tigers* are dangerous animals. (Exemplo dos autores)

Em (4), a referência do termo em itálico é genérica, pois se pensa na classe ‘tigre’ sem referência específica a tigres particulares, fato este que o distingue do exemplo (1).

Quirk, Greenbaum *et al* (1985) reforçam que as distinções entre definido e indefinido, e, entre singular e plural são irrelevantes para a concepção genérica, pois, as distinções de número que se aplicam a este ou aquele membro, ou grupo de membros, da classe são neutralizados. Singular ou plural, definido ou indefinido podem frequentemente ser usados sem diferença apreciável de significado em contextos genéricos.

(5) a. *A Tiger* can be dangerous.

b. *Tigers* can be dangerous.

c. *The Tiger* can be dangerous.

Neves (2007) destaca que a referência genérica refere-se a todos os indivíduos da classe, e observa que, embora a referência não remeta a indivíduos de um tipo, refere-se ao próprio tipo. Acrescenta que o uso genérico abrange objetos em geral (referência universal), não uma entidade particular.

Assumindo, neste estudo, como ponto de partida, o modelo de referência proposto em Quirk, Greenbaum *et al* (1985), mencionado anteriormente, foram analisados os referentes do sujeito pronominal, e, detectou-se que este pode representar três tipos de sujeito, a saber: a) **Específico [referência definida]**; b) **Específico [referência indefinida]**, e, c) **Genérico**.

Cumprindo salientar que, pelo fato de os referentes apresentarem comportamentos semânticos distintos, o sujeito **Específico [referência indefinida]** foi subdividido em: (i) **Falante inclusivo**, e, (ii) **Falante não-inclusivo**. Cada um destes tipos é ilustrado a seguir.

a) **Específico [referência definida]**

O *sujeito pronominal* é **Específico [referência definida]** quando se tratar de um pronome dêitico definido, ou seja, quando houver uma identificação entre pronome e pessoa referida, como mostra (6).

(6) Doc. hun...artesanato lhe distrai?
Inf. R² {uhn hun...exatamente...porque **eu** faço pintura...né?...em
tecido...também ϕ trabalho com frutas de parafina...como **você** tá vendo ali...falta/...
Doc. hun

⁵ Tigres são animais perigosos. (Tradução minha)

Inf. R² eu faço ímã...né?...geladeira...com meias de seda
 Doc. que quer isso...meias de seda?
 Inf. R² éh...um material que eu compro na capital...né?...em Aracaju...né?
 (Mulher de 32 anos, universitária)

E, em se tratando de um sujeito anafórico, ou seja, de 3^a pessoa, é **Específico [referência definida]** quando o seu referente estiver previamente estabelecido no discurso, sendo, assim, acessível ao falante e ouvinte por meio de uma remissão anafórica, como ilustra o exemplo (7).

(7) Doc. você sabe fazer feijão tropeiro?
 Inf. N¹ não...meu esposo é que sabe
 Doc. você nunca viu assim como é que ele faz?
 Inf. N¹ já
 Doc. e como é que ele faz?
 Inf. N¹ ϕ cozinha o feijão
 Doc. hun
 Inf. N¹ cozinha o feijão...éh...depois ali ϕ prepara... ϕ coloca charque
 Doc. hun
 Inf. N¹ ϕ escorre depois o/o caldo do feijão...né?
 Doc. ah joga o caldo?
 Inf. N¹ é
 Doc. nunca fiz feijão tropeiro...hun
 Inf. N¹ ϕ joga e depois ali o/o...só o carço...né?...**ele** coloca farinha e ϕ vai mexendo e ali fica o feijão tropeiro
 (Mulher de 38 anos, universitária)

b) **Específico [referência indefinida]**

Assume-se, neste estudo, o *sujeito pronominal* **Específico [referência indefinida]** como aquele que possui, para o ouvinte/leitor, uma referência parcialmente conhecida, cf. (8), ou como aquele que possui uma referência conhecida apenas para o falante/escritor, cf. (9), ou totalmente desconhecida não só para o ouvinte/leitor, mas, também, para o próprio falante/escritor, cf. (10). Ou seja, o sujeito refere-se a situações concretas, mas o ouvinte/leitor não tem clareza sobre parte da identidade do referente, como mostram (8) e (9), ou sobre a identidade total do referente, como mostra (10). Cumpre salientar que o exemplo (10) é o único, no *corpus*, em que o falante/escritor não tem acesso ao referente.

Diante da identificação de sentidos diferentes expressos pelo tipo de referente do sujeito **Específico [referência indefinida]**, adota-se a subdivisão: (i) **Falante incluído**, e, (ii) **Falante não-incluído**.

(i) O sujeito **Específico [referência indefinida] falante incluído** é assim denominado porque, neste tipo de sujeito, há mais de um referente e o falante é o único conhecido. Assim, este tipo de sujeito só pode ser representado por *nós* e *a gente*. A composição complementar deste tipo de sujeito possui referência desconhecida, cf. exemplo (8).

(8) Doc. uma discoteque?
 Inf. Z³ não...quando a gente quer ir à boat/
 Doc. {baile?
 Inf. Z³ quando **a gente** quer ir à boate...**nós** vamos à Aracaju...já que é o/...o lugar mais próximo que **a gente** pode se divertir...ir à praia...ir ao shopping...ir à boate

- Doc. e::e aqui o clube...assim...como que funciona o clube?...tem/tem festas eventualmente?...não...de modo/...
- Inf. Z³ { não/não/não...infelizmente **nós** não temos festa aí...eventualmente assim...porque::e sim **nós** temos quando tem no calendário do município...né?
- Doc. hun
- Inf. Z³ que **a gente** faz **a gente** trabalha e ϕ se diverte ao mesmo tempo
(Rapaz de 29 anos, universitário)

(ii) O sujeito **Específico [referência indefinida] falante não-incluso** é assim denominado porque, neste tipo de sujeito, o falante não faz parte do conteúdo semântico. O referente do sujeito, que pode ser representado por (a) **um conjunto de indivíduos**, como mostra (9), ou por (b) **um indivíduo**, como mostra (10), é totalmente desconhecido do ouvinte/leitor, mas, o referente de (a) é conhecido do falante/escritor. Nem ‘o conjunto de indivíduos’ nem ‘um indivíduo’, pessoas que podem integrar a referência do sujeito pronominal, foram mencionados anteriormente, mas emergem no discurso do falante. Ou seja, não há um antecedente.

O sujeito **Específico [referência indefinida] falante não-incluso** só pode ser representado por *ele/ela* e *eles/elas*.

- (9) Inf.G aí pronto...fiquei trabalhando...trabalhei três mês de experiência...passei...aí... ϕ me colocaram mais três mês de experiência...passei de novo...
- Doc. hun
- Inf.G aí foi quando deu aquela/a vontade de vim pra aqui eu ganhando BEM mesmo...tava ganhando naquele tempo era oito...eu comecei ganhando dois...dois e...dois conto e quarenta...assim por semana ...por dia...né?...
- Doc. hun
- Inf.G não...por semana...aí passei a ganhar oito e oitocentos...aí foi quando me deu aquela vontade de vim pra aqui ...o engenheiro...não...rapaz...num vá não...vá não...eu com aquela cabeça dura ... ϕ jogaro até praga...
(Homem de 35 anos, analfabeto)
- (10) Inf.W Aqui mesmo...quando eu cheguei aqui...aí...na festa de Porto da Folha/...foi criado esse negócio de Festa do Mato depois que ϕ botou a festa de Porto da Folha
(Homem de 70 anos, analfabeto)

Na referência específica [indefinida] falante não-incluso, o falante tem em mente o grupo de indivíduos, cf. (9), ao qual está se referindo, mas o ouvinte não.

Ressalta-se que nenhum dos dois tipos de sujeito **Específico [referência indefinida]** assumido neste estudo pode ser substituído por ‘qualquer indivíduo’, condição esta que distingue o sujeito **Específico [referência indefinida]** do sujeito **genérico**, que será apresentado a seguir.

c) Genérico

Considera-se o *sujeito pronominal Genérico* aquele que é usado para denotar a classe ou espécie de um modo geral (QUIRK; GREENBAUM *et al*, 1985), possuindo como referência ‘qualquer indivíduo humano’, ‘as autoridades’, ou ‘um grupo particular de indivíduos que o falante deseja identificar-se’ (HALLIDAY e HASSAN, 1976). Ou seja, não há um referente individuado, único, já que ‘qualquer indivíduo humano’ pode servir como referente, como mostram os exemplos (11) e (12).

- (11) Inf.G² eu acho assim...principalmente...porque a gente vive numa sociedade desigual...principalmente...porque às vezes você/...**você** já NASce com uma condição assim...financeira boa...que dá pra **você** seguir em frente...
(Mulher de 37 anos, universitária)
- (12) Doc. {você acha que nós temos direito de tirar a vida do outro?
Inf. N¹ e porque a pessoa tirou...também eu acho que deveria fazer isso...por que **ela** tirou?...então ϕ indo pra penitenciária às vezes ϕ vai logo...vem e ϕ solta... ϕ é solto
Doc. hun
Inf. N¹ e então... ϕ matou ϕ morreu...pra mim tem que ser assim
(Mulher de 38 anos, universitária)

Nos exemplos (11) e (12), nem o falante nem o ouvinte têm um referente particular em mente.

2 Hipótese

Após a definição dos três tipos de sujeito, faz-se necessário destacar a hipótese que subjaz à análise do papel da especificidade na realização variável do sujeito pronominal. Galves (1987) afirma que, à medida que se preenche o sujeito de referência definida, esvazia-se o sujeito de referência arbitrária, ou seja, o de referência genérica.

Se a especificidade puder ser avaliada como um *continuum*, e levando em conta a afirmação de Galves (1987), espera-se que o preenchimento do sujeito seja mais acentuado com os sujeitos de referência [específica definida] e tenda a diminuir gradualmente quando passa para a referência [específica indefinida] e desta para a referência [genérica]. Assim, espera-se que haja uma maior ocorrência de **sujeito lexicalizado** entre os **específicos definidos**; uma menor entre os **genéricos**, e, uma ocorrência intermediária entre os **específicos indefinidos**.

3 Considerações metodológicas

O *corpus* deste estudo é constituído da fala de dezesseis moradores, de ambos os sexos, analfabetos e universitários, com idade a partir de 20 anos, da cidade de Itabi-SE (vista parcial, abaixo), situada a 138 quilômetros da capital, Aracaju, possuindo (cf. CENSO do IBGE, 2000) uma população de 2.638 habitantes.



(Foto de minha autoria)

Para cada informante, foram levantadas 50 ocorrências consecutivas de sujeito pronominal, na entrevista, totalizando 800 ocorrências, que foram quantificadas com o auxílio do programa estatístico VARBRUL.

4 Discussão dos resultados

4.1 De estudos realizados em alguns Estados brasileiros

Foram reunidos, na tabela 01, os resultados de diferentes estudos, no que se refere ao papel da especificidade na realização variável do sujeito pronominal.

Tabela 01 Realização do sujeito pronominal segundo a especificidade do sujeito

PESQUISAS	SUJ. ESPECÍFICO		Total	SUJ. GENÉRICO		Total
	sujeito nulo	sujeito lexicalizado		sujeito nulo	sujeito lexicalizado	
DUARTE (1995) – (FU) ⁶ – RJ	29%	71%	1.424	35%	65%	322
⁷ LAPERUTA (2002) – Londrina - PR	-	-	-	23%	77%	408
CARVALHO (2005) – Fala do Araguaense – MT/GO	43%	57%	1.101	34%	66%	292
⁸ VASCONCELLOS (2005) – SP	86%	14%	337	100%	-	47

Constata-se, pelos índices de ocorrências, que tanto o sujeito genérico quanto o específico [referência definida], com exceção dos resultados de Vasconcellos, apresentam uma tendência ao emprego do sujeito lexicalizado. Isto mostra que, em alguns Estados brasileiros, o sujeito pronominal, independentemente da sua especificidade, está em um **processo de lexicalização bastante avançado**.

Galves (2001) afirma que a interpretação determinada leva ao uso do sujeito preenchido. E, quando a interpretação desejada é a de indeterminação, opta-se pelo esvaziamento do sujeito, isto é, opta-se pelo emprego do sujeito nulo. A referida autora reforça que essa especialização de usos se deu para evitar a ambigüidade entre a interpretação determinada/indeterminada. Contudo, os resultados referentes ao sujeito de referência arbitrária ou indeterminada de Duarte (1995), Laperuta (2002) e de Carvalho (2005) contestam parte deste pressuposto, revelando o elevado índice de 65%, 77% e 66%, respectivamente, de uso do sujeito pronominal preenchido de referência arbitrária. Laperuta (2002) afirma que “se o processo começou no âmbito da referência definida, já está, agora, também bastante avançado no espaço da referência arbitrária” (p.116).

Duarte (1995) ressalta que, em decorrência da perda do **Princípio Evite Pronome**, que “prevê a ocorrência do sujeito nulo **sempre** que (ele) for plenamente licenciado e identificado” (p.98), é possível dar interpretação [+ arb] a um sujeito nulo de terceira pessoa que não tem um referente explícito no contexto precedente. Porém, segundo a referida autora, “essa variante se mostra estacionada enquanto aumenta igualmente a tendência ao uso de formas pronominais plenas para expressar a indeterminação do sujeito” (p.99).

A autora destaca, também, que os sujeitos determinados lexicalizados, de ‘referência definida’, acabaram por exercer, ao longo do tempo, uma forte influência nos sujeitos de ‘referência genérica’, fazendo com que estes passem a ser realizados de

⁶ FU – Falantes Universitários.

⁷ Laperuta (2002) não apresenta os resultados gerais do sujeito específico.

⁸ Vasconcellos analisa a língua escrita (cartas em jornais da cidade de São Paulo, no século XIX).

forma preenchida ou lexicalizada como ‘você’, ‘a gente’, ‘eles’, ‘nós’, e, ‘eu’ – pronomes, como adverte Duarte, apontados por Kato e Tarallo (1986).

O estudo de Vasconcellos (2005), que analisa as cartas escritas por leitores e redatores em jornais da cidade de São Paulo, no século XIX, mostra que, em se tratando do sujeito determinado, o uso do sujeito nulo é maior do que o do sujeito lexicalizado, confirmando, como ressalta o autor, a tendência das línguas de sujeito *pro-drop*. Quanto aos dados de sujeito de referência arbitrária ou genérica, não houve nenhuma ocorrência de sujeito preenchido ou lexicalizado.

Vasconcellos (2005) destaca que (a) em seu *corpus*, predomina o uso do sujeito nulo tanto em relação ao sujeito determinado quanto, ao genérico, o que vem a confirmar que, no século XIX, a tendência de sujeito nulo é maior do que a de sujeito lexicalizado; (b) pela ausência de sujeito genérico preenchido, a influência do sujeito determinado preenchido sobre o genérico nulo, apontada por Duarte (1995), ainda não havia deixado marcas na representação deste sujeito.

4.2 Do estudo realizado na cidade de Itabi-SE

Como os resultados da *especificidade do sujeito* na fala urbana itabiense se colocam em relação às tendências gerais?

Tabela 02 Distribuição das ocorrências segundo a ESPECIFICIDADE DO SUJEITO

ESPECIFICIDADE DO SUJEITO	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Sujeito Específico [definido]	319/ 58%	231/42%	550
Sujeito Específico [indefinido]	53/ 51%	51/49%	104
Sujeito Genérico	81/ 55%	65/45%	146
Total	453/ 57%	347/43%	800

Os resultados na tabela 02 mostram que tanto o sujeito que possui um referente específico [definido] e [indefinido] quanto o genérico são expressos, predominantemente, por um sujeito nulo, pelos falantes urbanos itabienses. Ou seja, **o emprego do sujeito nulo é superior ao do lexicalizado**, resultado este que não ratifica os apresentados na tabela 01.

Estabelecendo uma comparação entre os percentuais obtidos para o sujeito nulo nos três tipos de sujeito, cf. tabela 02, percebe-se que o sujeito específico [referência definida] apresenta um maior percentual de uso, contrariando o que postula Galves (2001). Já os resultados apresentados sobre o uso do sujeito genérico ratificam o postulado da referida autora. E, comparando o resultado do sujeito específico [referência indefinida] com os outros dois, observa-se que o preenchimento do sujeito

não ocorreu de maneira gradual. No entanto, ao efetuar o cálculo dos pesos relativos, observa-se uma leve tendência à comprovação da hipótese.

Tabela 03 ESPECIFICIDADE DO SUJEITO em PESOS RELATIVOS

ESPECIFICIDADE DO SUJEITO	VARIANTES	
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO
	Peso relativo	Peso relativo
Sujeito Específico [definido]	0.48	0.52
Sujeito Específico [indefinido]	0.54	0.46
Sujeito Genérico	0.56	0.44

As tabelas 04, 05 e 06, a seguir, mostram a distribuição de uso das pessoas gramaticais e os tipos de sujeito pronominal.

4.2.1 Específico [referência definida]

Tabela 04 Emprego geral do sujeito pronominal Específico [referência definida]

VARIANTES	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Sujeito pronominal EU	173/ 52%	160/48%	333
Sujeito pronominal VOCÊ	7/44%	9/ 56%	16
Sujeito pronominal ELE/ELA	119/ 73%	45/27%	164
Sujeito pronominal NÓS	1	-	1
Sujeito pronominal A GENTE	3/37%	5/ 63%	8
Sujeito pronominal VOCÊS	1	1	2
Sujeito pronominal ELES / ELAS	15/ 58%	11/42%	26
Total	319/ 58%	231/42%	550

Em relação ao sujeito pronominal Específico [referência definida], e, obedecendo à ordem decrescente, os resultados, na tabela 04, mostram que a **3ª pessoa (singular e plural)** é a que apresenta maior uso de **sujeito nulo**, seguida da **1ª pessoa do singular**, e, da **2ª pessoa do singular**.

Duarte (1995) ressalta que os percentuais mais baixos de sujeito nulo ocorrem na segunda pessoa; primeira e terceira, respectivamente. Assim, os resultados apresentados na tabela 03 corroboram a postulação de Duarte.

A autora, diante dos resultados encontrados, afirma que

os efeitos da erosão do paradigma flexional/pronominal na perda do uso do sujeito nulo se fazem sentir gradualmente e não atuam uniformemente sobre todas as pessoas gramaticais. No caso do português, os resultados sugerem que a segunda pessoa foi a um só tempo a detonadora da mudança – graças à sua substituição pelos pronomes de tratamento (você(s), o(s) senhor(es)), que se combinam com formas verbais de terceira pessoa – e a que mais rapidamente incorporou seus efeitos, mostrando-se como um processo de mudança mais adiantado (DUARTE, 1995, p. 48-49).

Como se observa na tabela 04, a terceira pessoa é a que apresenta o maior índice de uso do sujeito nulo. Duarte (1995) justifica que o sujeito nulo de terceira pessoa é o mais resistente à mudança, porque conta com um referente externo. Assim, presume-se que “a identificação do sujeito nulo esteja ancorada na sua coindexação com um SN numa posição acessível, seja no contexto discursivo, seja em estruturas subordinadas com sujeitos correferentes” (p. 21).

A referida autora afirma que “o sujeito nulo deixa, pois, de ser obrigatório para ser opcional, não havendo mais uma relação direta entre flexão distintiva e sujeito nulo. Prova disso é, de um lado, a perda significativa da realização do sujeito nulo na primeira pessoa do singular, que mantém a única desinência exclusiva, e, de outro, o percentual superior na terceira pessoa, cuja forma verbal no singular apresenta desinência número-pessoa zero, e é uma forma polivalente no sistema lingüístico atual” (p.126-127).

Cumprе salientar que a única ocorrência do *sujeito pronominal nós*, como específico, nos dados deste estudo, sugere que este pronome está deixando de ser empregado com referência específica. Há uma tendência ao seu maior uso como sujeito não-específico, e, genérico.

Duarte (1995) já chama a atenção para o avanço no uso da forma ‘**você**’, e, para o quase desaparecimento da forma ‘**nós**’.

4.2.2 Específico [referência indefinida]

Tabela 05 Emprego GERAL do sujeito pronominal Específico [referência indefinida]

VARIANTES	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Sujeito pronominal <i>ELE/ELA</i>	8/ 89%	1/11%	9
Sujeito pronominal <i>NÓS</i>	18/ 49%	19/ 51%	37
Sujeito pronominal <i>A GENTE</i>	5/14%	31/ 86%	36
Sujeito pronominal <i>ELES / ELAS</i>	22/ 100%	-	22
Total	54/ 51%	41/49%	104

A tabela 05 mostra que, quanto ao uso geral do sujeito Específico [referência indefinida], os falantes urbanos itabienses empregam equilibradamente as duas variantes - *sujeito nulo* e *sujeito lexicalizado*. Percebe-se que a 3ª pessoa do singular e do plural são as formas mais resistentes ao sujeito lexicalizado. Observa-se o uso categórico de sujeito nulo associado à 3ª pessoa do plural. Em relação ao emprego do sujeito não-

específico **nós**, evidencia-se que há um equilíbrio no uso das duas variantes. Os resultados revelam que **a gente** é o sujeito não-específico lexicalizado de uso predominante.

4.2.3 Genérico

Tabela 06 Emprego GERAL do sujeito pronominal Genérico

VARIANTES	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Sujeito pronominal EU	3/60%	2/40%	5
Sujeito pronominal VOCÊ	3/14%	18/86%	21
Sujeito pronominal ELE/ELA	29/69%	13/31%	42
Sujeito pronominal NÓS	9/75%	3/25%	12
Sujeito pronominal A GENTE	14/44%	18/56%	32
Sujeito pronominal ELES / ELAS	22/67%	11/33%	33
Total	80/55%	65/45%	⁹ 145

O percentual de uso de sujeito nulo (55%), cf. tabelas 02 e 06, mostra que esta variante é a forma predominante, na expressão do sujeito genérico, confirmando a hipótese subjacente a esse grupo de fatores.

Como se observa na tabela 06, os sujeitos pronominais que atuam como sujeito genérico são seis, a saber: **eu**, **você**, **ele/ela**, **nós**, **a gente**, **eles/elas**, como ilustram (13), (14) e (15).

- (13) Inf.V³ porque...é uma coisa/...é uma práxis política...certo?...infelizmente...os políticos brasileiros...e por que não dizer da grande maior/maioria dos países do mundo...eles não entram éh/éh...na política visando o bem-estar do outro e sim o bem-estar de si próprio...eles só estão preocupados com o eu...a partir do momento que ϕ estou no poder...**eu** vou fazer meios de criar um caixa...DOis... ϕ vou fazer meio de juntar alguma coisa para no futuro próximo e numa próxima eleição **eu** ter como investir na minha próxima candidatura e assim vai aí...mensalões e mensalinhos o que vem/o que vem acontecendo é a corrupção...né?...a corrupção de uma forma degradante para a sociedade brasileira...porque é muito dinheiro que...se desvia...

(Homem de 48 anos, universitário)

- (14) Doc. o que que é verdade pra você?...o que é verdade pra você?...o que que você considera como verdade?

Inf. N¹ a verdade é o que **você** faz mesmo e...**você** fala a verdade que **você** fez...mesmo

(Mulher de 38 anos, universitária)

⁹ Cumpre esclarecer que o total de ocorrências do sujeito *genérico* não está coincidindo com o total – 146 - apresentado na tabela 02, devido a uma ocorrência de sujeito nulo genérico, representando ‘qualquer indivíduo’, que não foi codificado quanto à pessoa gramatical, por não se ter condições de identificá-la.

- (15) Doc. tem/tem que pegar...agarrar onde?...em que parte da/da/?
 Inf.W {nas orelha...quando **você**
 corre...assim...o/a/o/corre dois três quatro...que **ele** num vai só...**ϕ**pega no rabo...**ái** o outro
 passa pra frente...**ϕ**voa na cabeça...e quando **ele** tá só...a gente imparea (parelha) o cavalo
 e **ϕ**pula na cabeça
 Doc. CREdo...que coRAgem...
 (Homem de 70anos, analfabeto)

Nos exemplos (13) e (14), os sujeitos pronominais destacados, nulos e lexicalizados, se referem a ‘qualquer indivíduo humano’. Já em (15), os sujeitos pronominais se referem a qualquer cavaleiro que sai atrás do boi, no mato, para derrubá-lo.

4.3 Formas pronominais lexicalizadas empregadas como sujeito arbitrário ou genérico em alguns estudos.

A tabela 07, a seguir, apresenta as formas pronominais lexicalizadas empregadas pelos falantes de alguns Estados brasileiros como sujeito arbitrário ou genérico.

Quadro 01 Formas pronominais lexicalizadas empregadas como sujeito arbitrário ou genérico

PESQUISAS	SUJEITO ARBITRÁRIO ou GENÉRICO
KATO & TARALLO (1986)	¹⁰ ‘eu’ - ‘você’ - ‘nós’ - ‘a gente’ - ‘eles’
¹¹ DUARTE (1995) – (FU) ¹² – RJ	‘você’ - ‘nós’ - ‘a gente’ - ‘eles’
¹³ LAPERUTA (2002) – Londrina-PR	‘você’ – ‘3ª p. s.’ - ‘a gente’ - ‘3ª p. p.’
¹⁴ VASCONCELLOS (2005) – SP	‘ele’ - ‘eles’
MATOS (2008) - SE	‘eu’ - ‘você’ - ‘ele/ela’ - ‘nós’ - ‘a gente’ - ‘eles/elas’

Observa-se, no quadro 01, que nos três primeiros estudos, algumas pessoas gramaticais não eram empregadas para representar o sujeito genérico.

Neste estudo, só não houve ocorrência do sujeito pronominal *vocês*. As demais pessoas gramaticais foram usadas para representar o sujeito pronominal de referência arbitrária. Observa-se que até a forma pronominal “eu”, que representa o ser que fala, já está se referindo a um indivíduo qualquer. Ou seja, o sujeito pronominal que parecia ter uma referência bem definida está se tornando, também, mais uma forma pronominal de referência genérica.

¹⁰ No referido trabalho, comentado por Duarte (1995), houve apenas uma ocorrência do uso da forma pronominal ‘eu’ como mostra o exemplo de Kato & Tarallo: **Eu** só vou melhorar essa questão social se **eu** melhorar a minha.

¹¹ Duarte (1995) esclarece que embora o sujeito de referência [+ arb] não seja o foco principal de sua pesquisa, os dados encontrados foram analisados com o intuito de investigar se a tendência ao preenchimento do sujeito de referência definida, também, atinge o sujeito indeterminado.

¹² FU – Falantes Universitários.

¹³ Laperuta (2002) destaca que as formas ‘eu’ [+ arbitrária] e ‘nós’ [+ arbitrária] não foram encontradas em sua amostra. Estas duas formas pronominais se referiam a pessoas definidas.

¹⁴ Vasconcellos analisou apenas a forma pronominal ‘ele’ (singular e plural).

5 Conclusão

Os resultados mostram que, quanto à Especificidade do sujeito, as formas pronominais identificadas na fala urbana itabiense que atuam como sujeito pronominal são:

- a) Específico [referência definida]: **eu - você – ele/ela – nós – a gente – vocês - eles/elas;**
- b) Específico [referência indefinida]: **ele/ela – nós – a gente – eles/elas;**
- c) ¹⁵Genéricos: **eu - você – ele/ela – nós – a gente – eles/elas.**

Além dos três tipos de sujeito pronominal mencionados acima, os dados deste estudo revelaram mais dois subtipos do Específico [referência indefinida], a saber:

b-1) O sujeito **Específico [referência indefinida] falante incluso** que só pode ser representado por **nós e a gente**.

b-2) O sujeito **Específico [referência indefinida] falante não-incluso** só pode ser representado pela 3ª pessoa (singular e plural) - **ele/ela; eles/elas**.

A análise deste estudo revelou que cada uma das formas pronominais abaixo, com exceção da forma “vocês”, é empregada pelos falantes urbanos itabienses para se referir definida, indefinida ou arbitrariamente a pessoas.

Quadro 02 Forma pronominal versus especificidade

SUJEITOS PRONOMINAIS	ESPECIFICIDADE		
	Específico [referência definida]	Específico [referência indefinida]	Genérico
Eu	x		x
Você	x		x
Ele/ela	x	x	x
Nós	x	x	x
A gente	x	x	x
Vocês	x		
Eles/elas	x	x	x

Como se observa, no quadro 02, o sujeito pronominal “vocês”, nos dados deste estudo, é a única forma empregada com apenas uma especificidade.

Relembrando a hipótese adotada, neste estudo, para a realização variável do sujeito pronominal em função de sua especificidade, Galves (1987) adverte que à medida que se preenche o sujeito de referência definida, esvazia-se o sujeito de referência arbitrária, ou seja, o de referência genérica. Assim, esperava-se uma maior ocorrência de **sujeito lexicalizado** entre os **específicos definidos**; uma menor, entre os **genéricos**, e, uma ocorrência intermediária entre os **específicos indefinidos**. Porém, os resultados deste estudo confirmaram, apenas, a hipótese que subjaz à realização do **sujeito genérico**, este obtendo **55% de sujeito nulo** contra 45% de sujeito lexicalizado.

Dos sujeitos genéricos, o de 3ª pessoa (singular e plural) é usado, predominantemente, como sujeito nulo, seguindo o mesmo padrão de uso do sujeito específico e do não-específico.

¹⁵ Das formas pronominais usadas como sujeito genérico, “**vocês**” é a única que, ainda, não foi empregada.

Em relação ao sujeito **Específico [referência definida]**, para o qual se esperava uma ocorrência superior de sujeito lexicalizado, a hipótese não se confirma, pois, os resultados revelam o percentual de **58% de sujeito nulo** contra 42% de sujeito preenchido, confirmando, ainda, a tendência das línguas de sujeito *pro-drop*, ou seja, de sujeito nulo. Estes resultados vão de encontro aos obtidos por Duarte (1995) e Laperuta (2002), as quais mostram que há uma tendência ao preenchimento de sujeito, não só de referência específica, mas, também, de referência genérica.

Quanto ao sujeito **Específico [referência indefinida]**, os resultados apresentam um equilíbrio entre a ausência e a presença da forma lexicalizada.

Deve-se ressaltar que, embora a hipótese não tenha sido totalmente confirmada pelos índices de frequência, o cálculo de peso relativo revelou uma leve tendência no sentido hipotetizado.

Cumpramos ressaltar que, em se tratando dos três tipos de sujeito pronominal, a **3ª pessoa do plural** do sujeito **Específico [referência indefinida]** foi a única pessoa empregada categoricamente como sujeito nulo.

Os resultados deste estudo, também, apontaram que as pessoas gramaticais mais empregadas como **SUJEITO NULO** nos três tipos de sujeito são:

Quadro 03 Especificidade versus percentuais de uso de pessoas gramaticais como sujeito nulo

Específico [referência definida]	ELE/ELA (73%) > ELES/ELAS (58%) > EU (52%)
Específico [referência indefinida]	ELES/ELAS (100%) > ELE/ELA (89%) > NÓS (49%)
Genérico	NÓS (75%) > ELE/ELA (69%) > ELES/ELAS (67%) > EU (60%)

E as mais empregadas como **SUJEITO PREENCHIDO** nos três tipos de sujeito são:

Quadro 04 Especificidade versus percentuais de uso de pessoas gramaticais como sujeito preenchido

Específico [referência definida]	A GENTE (63%) > VOCÊ (56%)
Específico [referência indefinida]	A GENTE (86%) > NÓS (51%)
Genérico	VOCÊ (86%) > A GENTE (56%)

A relevância deste estudo para a descrição da variação do sujeito pronominal se deu pela revelação de uma leve tendência à hipótese que foi proposta, sugerindo que essa idéia de *continuum* pode ser importante para a realização variável do sujeito pronominal, merecendo ser testada em outros estudos. E, além disso, os índices de sujeito nulo observados na fala urbana itabiense se opõem à tendência geral de preenchimento de sujeito constatada em outros estudos, revelando que esse fenômeno variável é mais complexo do que se observou até o momento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, G. A. de. *A realização do sujeito na fala do araguiense*. 2005. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) – UNESP, Araraquara: 2005.
- DUARTE, M.E.L. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese de Doutorado. UNICAMP, Campinas: 1995.
- . A aquisição do sujeito pronominal no português de contato. In: RONCARATI & MOLLICA (Org.) *Variação e aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, (1997).
- GALVES, C. C. A sintaxe do português brasileiro. *Ensaio de lingüísticas*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG. Nº 13, 1987.
- . *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001.
- HALLIDAY, M. A. K. & HASSAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York*. Washington, D. C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- . *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- . Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (eds.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982.
- LAPERUTA, M. *A realização do sujeito pronominal: um estudo sociolingüístico paramétrico para a cidade de Londrina-Norte do Paraná*. 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) – UNESP, Araraquara: 2002.
- LIRA, S. de A. *Nominal, Pronominal and Zero Subject in Brazilian Portuguese*. Unpublished Ph. D. Dissertation, University of Pennsylvania, 1982.
- . O sujeito pronominal no português falado e escrito. *Ilha do Desterro*. Florianópolis: UFSC, n.º 20, 1988, p. 31-43.
- NEVES, M. H. M. A referência e sua expressão. In: CASTILHO, A. T. de; MORAES, M. A. C. R. T.; LOPES, R. E. V.; CYRINO, S. M. L.. (Org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro - Estudos dedicados a Mary Aizawa Kato*. São Paulo: FAPESP: Campinas: Pontes, 2007, p. 241-278.
- QUIRK, R.; GREENBAUM, S. et al. *A comprehensive grammar of the English language*. London and New York: Longman, 1985.
- TARALLO, F. *Relativization strategies in spoken brazilian portuguese*. Tese de Doutorado. University of Pennsylvania, Philadelphia: Penn, 1983.
- . *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985.
- VASCONCELLOS, J. A. de. *O parâmetro “pro-drop” e o pronominal “ele” no português brasileiro do século XIX*. 2005. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – USP, São Paulo: 2005.
- WEINREICH, U., LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language. In: LEHMANN, W. P. e MALKIEL, Y. (Org.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin e London: University of Texas Press, p. 1-188, 1968.

